



Documentário *Belém-Brasília – Rodovia da Unidade Nacional* e um episódio do Globo Rural: a produção de redes de memórias sobre a Amazônia¹

Rodrigo Wallace Cordeiro dos SANTOS²
Ivânia dos Santos NEVES³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo tem a proposta de tecer uma análise sobre dois produtos audiovisuais: o primeiro é o documentário *Belém-Brasília – Rodovia da Unidade Nacional* e o segundo é uma reportagem exibida no programa Globo Rural, cujo título é “*Lista negra denuncia os municípios campeões de desmatamento no país*”. Inicialmente discutiremos sobre a colonialidade do poder, que ainda se faz presente na Amazônia, sob a perspectiva de Walter D. Mignolo. E em seguida, a partir das ferramentas da Análise do Discurso, propostas por Michel Foucault, da categoria da intericonicidade, proposta por Jean Jacques Courtine e dos estudos de Mídia e Discurso de Rosário Gregolin analisaremos algumas tensões discursivas presentes nos enunciados sobre a Amazônia, colocados em circulação pela mídia.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; discurso; memória discursiva; intericonicidade; Amazônia.

Introdução

As sociedades amazônicas são marcadas por recorrentes histórias atravessadas por estratégias de dominação e colonização que se fundamentam, principalmente, no discurso de desenvolver e integrar a região ao restante do Brasil. A partir da segunda metade do século passado, este processo começou a ser justificado e legitimado a partir de produtos midiáticos, que se tornaram grandes (re)produtores de discursos sobre as diferentes realidades sociais da região.

Na atualidade, cotidianamente, recebemos uma grande quantidade de informações através dos meios de comunicação. Com isso, abre-se um leque cada vez maior de objetos de estudos da AD e é cada vez mais frequente o interesse de pesquisadores da área da Comunicação em estudar a mídia a partir da perspectiva da AD. Torna-se mais frequente também o interesse de pesquisadores amazônicos em estudar os discursos colocados em

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Estudante do último semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará – UFPA. Email: rodrigowcsantos@gmail.com

³ Coautora e Orientadora do artigo. Professora da Faculdade de Letras – FALE-UFPA e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM-UFPA. Coordenadora do projeto de pesquisa “A invenção do índio na mídia: discursos e identidades”. Email: ivanian@uol.com.br



circulação sobre a Amazônia, considerando que a região tem hoje grande importância e interesse do mundo e está pautada frequentemente pelas diversas mídias.

Dentro desta perspectiva, tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso (AD) fundamentada nos estudos de Michel Foucault e de algumas categorias de análise, como a intericonicidade, proposta por Jean Jacques-Courtine, além de outros estudos de pesquisadores que trabalham com as relações entre discurso e mídia, para estudar e compreender quais os efeitos de sentidos produzidos, em um determinado recorte histórico, pelas materialidades discursivas. Segundo Rosário Gregolin, os estudos da Mídia e da AD se complementam e, portanto, a aproximação entre esses dois campos, acaba por desenvolver tanto um, quanto o outro, “pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentido”. (GREGOLIN, 2007: 13)

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “A invenção do índio na mídia: discursos e identidades”, financiado pelo CNPq. Neste trabalho, tomaremos como corpus de análise, dois produtos audiovisuais sobre a região amazônica que retratam bem as tensões discursivas que a mídia coloca em circulação. O primeiro produto é um filme veiculado nos anos de 1960, sobre a construção da rodovia Belém-Brasília, que liga Brasília, capital do Brasil, a Belém, capital do estado do Pará, localizado na região amazônica. O produto seguinte é uma reportagem do programa “Globo Rural”, da Rede Globo de Televisão, que discute a questão do desmatamento na Amazônia.

A colonialidade do poder e a Amazônia

Para Walter D. Mignolo (2003, p. 81), “a conexão do Mediterrâneo com o Atlântico através de um novo circuito comercial, no século 16, lança as fundações da modernidade como da colonialidade”. E a Amazônia, como parte constituinte do “novo mundo”, como viria a ser chamada as terras invadidas das Américas, iria sofrer drasticamente com as novas relações econômicas, sociais e de trabalho constituídas nesse “moderno sistema mundial”. A história amazônica sistematicamente atualiza estas tensões, num jogo de relações de poder, de discursos que se combatem, muitas vezes em conflitos bélicos entre indígenas, populações tradicionais e invasores.

D. Mignolo (2003: p.11) afirma que a partir desta perspectiva modernidade/colonialidade está o que ele denomina de pensamento liminar:

Visto da perspectiva subalterna, o lócus fraturado da enunciação define o pensamento liminar como uma reação à diferença colonial. “Nepantla”, palavra cunhada por um falante de Nahuatl na segunda metade do século



16, é outro exemplo do pensamento liminar . “Estar ou sentir-se entre”, como se poderia traduzir a palavra, pôde sair da boca de um ameríndio, não de um espanhol (cf Mignolo,1995b). A diferença colonial cria condições para situações dialógicas nas quais se encena, do ponto de vista subalterno, uma enunciação fraturada, como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica. Assim o pensamento liminar é mais do que uma enunciação híbrida. É uma enunciação fraturada em situações dialógicas com a cosmologia territorial e hegemônica (isto é, ideologia, perspectiva).

Estudar a Amazônia sob a perspectiva do pensamento liminar significa ouvir, mesmo que seja através de discursos colocados em circulação na mídia, as vozes que ficaram silenciadas nas grandes obras como as estradas Belém-Brasília e Transamazônica, e que nos ajudarão a trilhar um caminho para a compreensão destes processos de intervenção na Amazônia. Processos estes que tem o nome de colonialidade do poder, mas que ao longo do tempo se mascararam como “ocupação”, “integração”, “progresso” e agora de “desenvolvimento sustentável”, como estamos vendo no caso da Usina de Belo Monte⁴. Porém, D. Mignolo (2003) nos adverte que é necessário não confundir as práticas de colonialidade com o período colonial:

A colonialidade do poder deve ser distinguida do período colonial, que se estende na América Latina do início do século 16 ao início do século 19, quando o Brasil e a maioria dos países de língua espanhola conquistam a independência da Espanha e de Portugal e começaram a constituir-se em estados-nações. O colonialismo, como observa Quijano, não se extinguiu com a independência porque a colonialidade do poder e do saber mudou de mãos, por assim dizer, subordinou-se à nova e emergente hegemonia epistemológica: não mais a Renascença, mas o iluminismo. (MIGNOLO, 2003, p. 129)

Há quem possa ter a ideia de que, esse processo de dominação na Amazônia tenha encerrado quando a antiga Província do Grão-Pará foi obrigada a “aderir” à independência do Brasil em 1835. Porém, como D. Mignolo nos diz, este é um processo que ainda existe, de forma atualizada. Analisando alguns acontecimentos recentes na Amazônia, vemos que a colonialidade do poder está nos interesses de capitais nacionais e estrangeiros que se entrelaçam a interesses governamentais e de uma elite local que abrem caminho para o prosseguimento da exploração dos recursos naturais. Este processo, por mais perverso que seja, encontra acolhida nos discursos da mídia, das escolas, das igrejas e até mesmo nas posições defendidas por moradores da região que são afetados pela exploração predatória da região.

⁴ A Usina Hidrelétrica de Belo Monte está sendo construída no leito do Rio Xingu, no estado Pará, às proximidades da cidade de Altamira. É hoje a maior obra em andamento do governo brasileiro. Sua construção tem sido marcada por polêmicas entre povos indígenas, populações tradicionais e o governo brasileiro.



Memória discursiva e relações de poder

O presente da Amazônia é composto de memórias que foram se construindo ao longo do tempo, desde as narrativas dos primeiros conquistadores da região aos livros didáticos usados nas escolas. A mídia faz recorrência cotidianamente a estas memórias em seus produtos, seja numa reportagem de TV, numa matéria impressa, num filme e até mesmo numa novela. Atualmente, a mídia não só procura e atualiza memórias, como também acaba *agenciando* a memória sobre a Amazônia e demais assuntos. Este *agenciamento* se dá a partir da publicidade de algumas memórias e o silenciamento de outras. A respeito da memória discursiva, Jean-Jacques Courtine nos diz que:

Toda produção discursiva se efetua em determinadas condições conjunturais de produção e remete, põe em movimento e faz circular formulações anteriormente já enunciadas, como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento. (COURTINE, 1981:78)

As memórias postas em circulação pelos meios de comunicação não estão desvinculadas das relações de poder. Os discursos e as memórias que os produtos midiáticos carregam são sustentados pelas relações de poder que existem na sociedade. Pois, “onde quer que haja circulação de discursos, lá estarão as relações de poder.” (NEVES, 2009: 102). Sobre as relações de poder, Foucault (2007, 101) afirma:

[...]existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. Isto vale para qualquer sociedade, mas creio que na nossa as relações entre poder, direito e verdade se organizam de uma maneira especial.

De acordo com Foucault, o poder vai nos submeter à produções de verdades. E estas “verdades” serão a sustentação do poder hegemônico em um determinado momento histórico. À época da conquista da Amazônia, os primeiros conquistadores em suas narrativas descreveram a região de forma ufanista, exótica e depreciando os habitantes que aqui encontraram. Essas *vontades de verdade* (GREGOLIN, 2007: 17) justificavam a colonização de região e a “civilização” dos índios que aqui existiam. Em outro momento histórico, o discurso de “um vazio demográfico” na Amazônia e o seu “isolamento” do restante do Brasil

deram sustentação para uma nova investida colonial na região, a partir da segunda metade do século XX.

[...]em um momento histórico, há algumas ideias que devem ser enunciadas e outras que precisam ser caladas. Silenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades. Essas condições de possibilidade estão inscritas no discurso – elas delineiam a inscrição dos discursos em formações discursivas que sustentam os saberes em circulação numa determinada época. (GREGOLIN 2007: 15)

Na sociedade atual, os meios de comunicação são os principais responsáveis pela circulação de discursos e a partir da fala de Gregolin, podemos dizer que mídia atua hoje como o principal meio de mediação das produções de verdade.

Belém-Brasília: Rodovia da Unidade Nacional

Figura 01 – Abertura do Filme



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mDs6PJLYVEc>

Para entender o funcionamento destes discursos sobre as populações amazônicas, vamos analisar um filme institucional do governo brasileiro, produzido no ano de 1962, sobre a construção da rodovia Belém-Brasília. O filme intitulado “Belém-Brasília – Rodovia da Unidade Nacional” trata de um processo de retificação da estrada que liga a capital federal à Amazônia, inaugurada em 1960. Apesar de ter sido produzido e veiculado dois anos após a inauguração da estrada, ele ainda é carregado de discursos que passam uma identidade de terra exótica, aventureira e exuberante para a Amazônia. O filme tem duração de aproximadamente 12 minutos, teve a produção da Rio Filmes Ltda. e foi veiculado pela Agência Nacional, extinto órgão de notícias do governo brasileiro.

O título do filme, *Belém-Brasília – Rodovia da Unidade Nacional* (Fig.1) remete a um discurso de unidade e integração do País, que não era novo e retomava uma memória sobre a antiga Província do Grão-Pará e sua integração ao antigo Império brasileiro. Os enunciados que o filme coloca em circulação é um bom exemplo de uma das muitas formas em que a colonialidade se atualiza. As palavras “integração” e “unidade nacional” são, na verdade, expressões que buscam ofuscar as novas práticas coloniais implantadas na Amazônia.

O governo do presidente Juscelino Kubitschek recorre a esta memória sobre a Amazônia e retoma o discurso integracionista, sobretudo das regiões Norte e Centro-Oeste ao resto do país. Esta integração se daria a partir da construção de estradas, que tinham o sentido de ocupar e povoar principalmente a Amazônia, vista como uma terra sem gente.

Em um dos enunciados do filme, o narrador nos diz que a estrada estava cumprindo o seu papel: “valorizando áreas virgens e povoando os imensos vazios demográficos nos estados de Goiás, Maranhão e Pará.” (BELÉM-BRASÍLIA – RODOVIA DA UNIDADE NACIONAL)

O imaginário de um “vazio demográfico” da região amazônica foi uma verdade que precisou ser produzida. A produção de verdades sobre a Amazônia está ligada a um jogo de relações de poder. Segundo Foucault (2007,101): “não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.”. Esta “economia de discursos” ou silenciamento está ligada ao momento histórico em que está inserido o enunciado. Ainda neste trabalho, veremos que a mudança de período histórico faz com que enunciados interditados, possam circular na sociedade.

No filme “Belém-Brasília”, as imagens de fazendas e os enunciados que circulam nestes planos, nos apresentam outra perspectiva sobre a devastação da floresta. A Fig.2, a seguir, mostra no que resultou grande parte das áreas às margens da rodovia Belém-Brasília: campos de pastagem. Há planos de imagens que vão mostrando os imensos campos de devastação que se formaram após a construção da estrada.

Figura 02 – Pastagens na Belém-Brasília



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mDs6PJLYVEc>

Nos enunciados que circulam no filme durante estes planos de imagens, percebe-se que o narrador fala da devastação como algo necessário e sem nenhuma margem a questionamentos sobre a derrubada da floresta: “Às margens da rodovia e em função dela prosperam hoje as fazendas. Progredindo também a pecuária. As áreas cultivadas atestam a presença do homem disposto a desbravar a região criando simultaneamente a riqueza.” (BELÉM-BRASÍLIA – RODOVIA DA UNIDADE NACIONAL)

Notamos também neste trecho extraído, a difusão de um antigo discurso sobre a Amazônia: a ideia de a região ser uma terra de oportunidades, onde se conseguiria constituir riqueza e prosperidade. Hoje sabemos que muitos dos que vieram para a Amazônia em busca do sonho da riqueza não conseguiram prosperar. Mesmo com o fato de que neste período da História, o desmatamento na Amazônia era incentivado pelo próprio governo, que inclusive dava subsídios para quem desmatasse a floresta, poucos conseguiram sucesso vindo para a Amazônia.

Outra discussão, é que, ao longo do filme praticamente não se vê a presença de pessoas, além daquelas que trabalham na rodovia. Populações indígenas e tradicionais da região são ignoradas e, conseqüentemente, silenciadas, como se o ponto de partida da ocupação pelo homem na Amazônia tivesse se dado a partir dos que trabalharam na construção da estrada.

As relações de poder são peças-chaves neste jogo, pois “em um momento histórico, há algumas ideias que devem ser enunciadas e outras que precisam ser caladas” (Gregolin, 2007: 15). O momento histórico da construção da Belém-Brasília foi profundamente marcado pelo



desrespeito às populações locais. Esta intervenção indiscriminada na floresta fazia parte da cartilha do “progresso”.

É importante lembrarmos que este processo de intervenção na Amazônia não foi somente uma ação governamental. Neste filme, o veículo que transportou a equipe de filmagens durante a viagem de Brasília a Belém, era da multinacional Mercedes-Benz. As empresas do setor automobilístico eram um dos principais aportes financeiros que financiavam a construção de estradas na Amazônia.

Na atualidade, em Belo Monte, por exemplo, já há uma outra relação com os habitantes da floresta, um pouco menos irracional, mas ainda assim danosa. Medidas condicionantes e compensatórias foram exigidas e determinadas por órgãos oficiais como IBAMA⁵ e MPF⁶, para amenizar os impactos decorrentes da construção da usina. Ações como construção de escolas, obras de saneamento, infraestrutura nas terras indígenas e outras, deveriam ser executadas antes do início das obras da usina. Mas, hoje, é possível verificarmos através das notícias que chegam da cidade de Altamira, que boa parte destas melhorias ainda não estão implantadas e, por conta disto, a cidade passa por vários problemas causados por impactos sócio-ambientais. A população desta cidade aumentou substancialmente e a atual infraestrutura da cidade – escolas, hospitais, delegacias – não suportou a demanda aumentada pela vinda de imigrantes para a região.

As condições históricas atuais não são propícias às estratégias antigas de desenvolvimento da Amazônia, onde se via o silenciamento das populações locais, a intervenção danosa na floresta e a despreocupação com impactos sócio-ambientais. Porém hoje, devido a um modelo de desenvolvimento que apenas atualiza a colonialidade do poder, mesmo condicionantes e ações compensatórias não conseguem mascarar os danos que obras como a de Belo Monte causam às populações locais e ao meio ambiente.

Intericonicidade nas produções audiovisuais

As imagens apresentadas no filme não são apresentadas aleatoriamente. Elas estão inseridas numa memória imagética existente sobre a região amazônica. Por exemplo, quando vemos inúmeros planos de imagens mostrando a imensidão da floresta ou imagens que praticamente ignoram a presença do homem na Amazônia, isso se dá a partir da construção de uma memória imagética do grande vazio demográfico que, supostamente, aqui existiria e do exotismo da floresta amazônica.

⁵ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

⁶ Ministério Público Federal

Esta memória das imagens é constituída de imagens tanto internas quanto externas ao sujeito, mesmo com imagens que nunca tenhamos visto. Retomamos aqui a noção de intericonicidade trabalhada por Courtine (2011: p.159):

A noção de intericonicidade é assim uma noção complexa, porque ela supõe a relação entre imagens externas, mas também entre imagens internas, as imagens da lembrança, as imagens da rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo. Não há margem que não faça ressurgir em nós outras imagens, quer essas imagens tenham sido já vistas ou simplesmente imaginadas.

Apreendemos da afirmação de Courtine que há em todos nós uma memória de imagens. Até mesmo daquelas coisas que nunca vimos ou presenciamos, há uma imagem em nossa memória. E a mídia na atualidade, com o seu vasto acervo fotográfico e audiovisual, é a principal propulsora desta memória imagética.

O discurso sobre a devastação da floresta no “Globo Rural”

Figura 3 – Pastagens



Fonte: Site do Globo Rural

A imagem acima foi extraída do programa “Globo Rural”, da Rede Globo de Televisão. Veiculada no dia 23 de setembro de 2012, a reportagem tem o título de “Lista negra denuncia os municípios campeões de desmatamento no país” e tem duração de aproximadamente 14 minutos.

A reportagem foi feita nas cidades de São Félix do Xingu e Anapu, municípios do Pará, localizados na região da rodovia Transamazônica. Estes municípios estavam no topo da



lista de cidades que mais desmatavam no Brasil. Segundo a reportagem, o objetivo da lista é “combater a devastação na Amazônia” (Apresentador) e foi criada pelo Ministério do Meio Ambiente, órgão público federal. Faremos um recorte de alguns enunciados desta reportagem para algumas considerações.

O repórter da matéria, José Raimundo, entrevista um proprietário de terra, Seu Antônio, que veio de Minas Gerais para a Amazônia na década de 1970, no processo de colonização e ocupação da região, implantado pelo governo militar neste período. A fazenda fica localizada em São Félix do Xingu e o diálogo se passa da seguinte forma:

Repórter: Isso aqui era tudo floresta?

Dono da terra: Tudo floresta! Tudo floresta!

Repórter: O senhor derrubou tudo e fez pasto?

Dono da terra: Foi derrubado de machado. Não foi nem de motosserra. (Acaba a entrevista e entra uma narração do repórter)

Na época, há mais de 30 anos, a orientação do próprio governo era desmatar.

Em outro enunciado, o repórter diz: “São as grandes fazendas de pecuária, as que mais desmatam.” Em um passado não muito distante, há mais ou menos 40 anos, as fazendas eram vistas como símbolo de progresso. Derrubar a floresta para a formação de pasto e criação de gado representava prosperidade e desenvolvimento para a Amazônia. É possível encontrarmos este discurso se retomarmos a análise feita no tópico anterior sobre o filme “Belém-Brasília”. Na atualidade, apesar de continuar a devastação da floresta, há uma mudança nos discursos colocados em circulação pela mídia, como podemos observar nos enunciados do Globo Rural. Propaga-se com bastante veemência a questão da preservação da floresta e do desenvolvimento sustentável da Amazônia.

Nessa perspectiva, hoje, através da mediação da mídia, há uma (re)produção dos efeitos de sentidos dos enunciados sobre a devastação da floresta. Sobre o papel da mídia na circulação de enunciados, Gregolin (2007: 21) nos diz que “colocando em circulação enunciados que regulamentam as formas de ser e agir, os meios de comunicação realizam um *agenciamento coletivo de enunciação*, entrecruzando determinações coletivas, sociais, econômicas, tecnológicas, etc.”

Como vimos, na primeira análise, nas décadas de 1960 e 1970, a mídia colocava em circulação outros enunciados sobre o desmatamento da Amazônia. As Fig.2 e 3 constituem uma rede de memórias imagéticas sobre a região amazônica bastante significativa para o



discurso do progresso na região. Para analisar esta movimentação de sentidos nas imagens, vamos retomar a definição de intericonicidade proposta por Courtine (2011: 160):

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado em uma rede de formulações, em Foucault; mas também imagens internas, que supõe a consideração de todo conjunto da memória da imagem no indivíduo e talvez também os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou fantasiadas que frequentam o imaginário.

A memória imagética sobre a devastação da Amazônia é retomada pela reportagem da TV Globo. Para Milanez (2011: 39):

olhar para a imagem sob o efeito da intericonicidade é de uma arqueologia do imaginário humano, construída não sobre a cristalização homogeneizante de uma imagem única, mas sobre o movimento dos deslocamentos, sucessão, interposições, apagamentos, reestruturações de imagens que existem sob a batuta da regência dos movimentos nem sempre harmônicos da história.

De acordo com Milanez, a imagem presente em nossa memória não está sob uma perspectiva única e estática. A nossa memória imagética se constitui a partir dos movimentos destas imagens que nos são apresentadas.

Considerações Finais

Este trabalho é um recorte e um primeiro resultado de uma pesquisa que ainda está em andamento. Portanto, não se tem ainda a pretensão e nem podemos nos ater a um resultado final. Mas é possível inferirmos e destacarmos alguns pontos que norteiam as tensões discursivas sobre a Amazônia, veiculadas pela mídia.

Neste trabalho vimos que as condições de possibilidades históricas atuam com um papel importante na circulação de enunciados. Certos enunciados são colocados em circulação e evidência em um determinado período histórico, enquanto outros são interditados.

A mídia, com seu papel propagador e difusor, atua no papel de mediar e agenciar os discursos silenciados e interditados. Na década de 1960, quando a ordem era desmatar a Amazônia, tendo em vista a busca pelo progresso e ocupação da região, produtos midiáticos foram produzidos para legitimar e justificar este processo. Na sociedade atual, fala-se em desenvolvimento sustentável e preservação da floresta, e a mídia mais uma vez atua como meio de circulação destes discursos.



Destacamos também que este jogo de interdição e circulação de discursos mediados pelos meios de comunicação não estão desligados das relações de poder existentes em um determinado período histórico. E que as relações de poder proporcionam a produção de verdades, que passam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

As relações de poder modificam os discursos ao longo da história. Enunciados que antes poderiam ser ditos de uma forma, agora são modificados ou atualizados, produzindo efeitos diferentes. As relações de poder também acabam por fazer circular enunciados antes silenciados em grandes obras, como as populações da Amazônia. Além disto, a colonialidade do poder também se atualiza. Entendemos que discursos como “desenvolvimento sustentável” ou “melhorias urbanas”, são na verdade uma forma de disfarçar esta colonialidade. A Amazônia continua a ser vista como uma colônia.

Nesse contexto, analisar as tensões discursivas encontradas nos produtos midiáticos se torna uma ferramenta bastante relevante para entendermos as dinâmicas e os processos de desenvolvimento na Amazônia, que ainda são marcados pela colonialidade do poder, que se atualiza historicamente.

Referências Bibliográficas

CORRÊA, Maurício Neves. **Os Aikewára e a mídia: relações de poder, cultura e Mediação**. Dissertação de Mestrado. UNAMA, 2013

COURTINE, J.-J. **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse Du discours à propôs Du discours communiste adressé aux chrétiens**, *Langages*, n. 62. Paris: Larousse, jun. 1981, p. 9-128. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1981_num_15_62_1873.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2007

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo), v. 04, p. 12-26, 2007.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/ Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.



MILANEZ, Nilton. **Discurso e imagem em movimento**: o corpo horrorífico do vampiro no trailer. São Carlos: Claraluz, 2011.

MILANEZ, Nilton . **Intericonicidade**: funcionamento discursivo da memória das imagens. Acta Scientiarum. Language and Culture (Online), v. 1, p. 345-355, 2013.

NEVES, Ivânia. **A Invenção do Índio e as Narrativas Oraís Tupi**. Tese de Doutorado em Análise do Discurso. Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

Links Consultados

<https://www.youtube.com/watch?v=mDs6PJLYVEc> – Filme “Belém-Brasília – Rodovia da Unidade Nacional”

<http://g1.globo.com/economia/globo-rural/videos/t/edicoes/v/lista-negra-denuncia-municipios-campeoes-de-desmatamento-no-pais/2152037/> - Reportagem "Lista negra denuncia municípios campeões de desmatamento no país."